



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

## Para pensar o negacionismo na atualidade: algumas modalidades e expressões deste fenômeno

Cynthia Mirelly Gomes Barbosa<sup>I</sup>

Em meio aos dilemas que o tempo presente impõe, não surpreende que a sociedade retome, em um ato de euforia e fuga à realidade, as suas lembranças acerca de um passado tomado como glorioso. Neste processo de recuperação da memória, esta pode servir tanto como um bálsamo de esperança, como também fomentar práticas de vingança, ressentimento e intolerância para aqueles que a conferem. Movendo-se em direção a discussão deste item, a obra *Negacionismo: a construção social do fascismo no tempo presente*, organizada por Karl Schurster, Michel Gherman e Óscar Ferreiro-Vázquez traça uma análise da inserção do negacionismo nas diferentes esferas comunitárias, seja por auxílio de teorias da conspiração, ou mesmo pela ação do seu corolário – o revisionismo.

O referido livro é estruturado em uma sequência temática e assinalado por 13 autores – grande parte com formação na área de História –, que promovem um debate teórico mais abrangente sobre o assunto, sem, todavia, desviar-se do seu objetivo central: a apreensão do fenômeno negacionista contemporâneo. Ainda na introdução, sublinha-se a urgência de se elaborar uma devida contextualização do pretérito, almejando a conversão da memória seletiva em uma memória projetiva<sup>II</sup>. Como advertência a seus pares, menciona-se que a função do historiador seja o confronto à neurose memorial ainda imperante, devendo instigar o levantamento de questões atuais e aperfeiçoadas acerca deste tópico.

O capítulo primeiro verifica as teorias da conspiração e o antissemitismo enquanto meandros para a negação no mundo corrente. A metodologia aqui utilizada é a paratradução, voltada, neste caso, para a “tradução de imaginários”<sup>III</sup>. Nesse ínterim, os intelectuais trazem exemplos de alguns memes populares na internet que esgotam concepções notadamente racistas, ressaltando a apropriação das redes sociais enquanto um meio volátil de divulgação destas perspectivas. Como produto, têm-se os usos políticos de termos de grande simbologia na história, por exemplo: fascismo, nazismo, direita e esquerda – assim como seus extremos – entre outros. Contempla-se, ainda, que o alargamento destas convicções no espaço digital alterou a leitura de mundo que os indivíduos resguardavam da história nacional de curto prazo, participando de um processo descrito pelos autores de “fascitização das relações sociais”.

A segunda parte, denominada *Esquecimento, revisionismo e negacionismo: o apagamento da história*, articula as premissas destacadas no título como elementos integrantes do projeto de afloramento fascista no tempo presente. No decurso da argumentação, recorre-se a um debate multidisciplinar, indo desde a poesia de Carlos Drummond de Andrade, para atravessar o estudo da personalidade de Theodor Adorno e atingir a psicanálise de Sigmund Freud, em que se perscruta o fato de homens e mulheres, após um evento limítrofe, optarem por um completo apartamento do passado experimentado.

Consoante o enfoque dado por Francisco Carlos Teixeira Da Silva e Karl Schurster, este comportamento não produz uma resposta positiva para os sujeitos, sob pena de se transformar em uma dupla alienação – psicológica e histórica – da realidade. O esquecimento é entendido como um recurso imediato da sociedade para tratar uma memória que lhe causa aflição, sem perceber que a sua dissimulação pode engendrar outros tipos de violência, como a relativização

BARBOSA, C. M. G.

do tempo histórico, que se compromete com a montagem de versões higienizadas dos acontecimentos, pela remoção de determinadas características e execução do anacronismo.

Após estas considerações, o texto adverte o leitor para a observação da *Negação negacionista do Holocausto*. Neste ponto, faz-se uma breve contextualização do termo negacionismo idealizado pelo historiador francês Henry Rousso, proveniente do que Luís Moraes descreve como “Efeito Faurisson”, isto é, uma bibliografia cujo interesse era negar o extermínio dos judeus da Europa durante a Segunda Guerra, com gênese na figura do escritor Robert Faurisson.

A engenhosidade do seu estudo consiste na demonstração de que o interesse em se isentar de um passado indesejado sobrepuja a banal negação e desemboca na elaboração de narrativas dotadas de aspectos científicos. Para fundamentação do debate, o investigador resgata testemunhos de alguns personagens da extrema-direita, entre os quais encontra-se Paul Rassinier, que por influência de suas falas, conseguiu transformar o modo como as transgressões nazistas eram interpretadas – o que mais tarde circularia na historiografia como o *Mito de seis milhões*, produzido por David Leslie Hoggan.

O capítulo seguinte dará continuidade a investigação do negacionismo, trazendo para o cerne do debate um novo objeto: o revisionismo e as suas linhagens. A partir deste momento e, mais precisamente nos itens subsequentes, o público brasileiro, ou mesmo aqueles interessados na memória deste país, são contemplados com pesquisas que pretendem desvelar a vigência de narrativas que propõem uma revisão ideológica da História, a começar pela contestação do *Guia Politicamente Incorreto*, e, logo após, a análise do discurso do ministro das relações exteriores do Brasil, Ernesto Araújo.

Paralelamente, o oitavo capítulo conjectura o processo de dupla negação dos judeus durante o atual governo brasileiro. Na perspectiva dos autores, um ponto de virada no funcionamento deste grupo fora a palestra efetuada pelo então candidato à presidência Jair Bolsonaro, em 2017, no Clube Hebraica. Valendo-se do evento mencionado, é feita uma sondagem de como a ocasião se tornou palco para a afirmação de dualidades sociais, ocasionando, inclusive, a ruptura da comunidade judaica: os judeus “de dentro” (que assistiam ao discurso no interior do Clube na qualidade de apoiadores) e os judeus “de fora” (aqueles que manifestavam contra a ocorrência do episódio).

Avançando no panorama brasileiro, a seção seguinte abarca o negacionismo propalado nas telas, atendo-se ao exame do caso *Brasil Paralelo*. O pesquisador Arthur Lima de Avilla explora os conteúdos produzidos por esta empresa para apreender como a marca têm utilizado o ambiente virtual para estender suas pautas políticas, convertendo a negação em um artigo rentável e potencialmente acolhido pelo corpo social. Para tanto, ele dedica especial atenção à série “Brasil: a Última Cruzada”, uma das coletâneas pioneiras da firma a tocar um público expressivo.

Outrossim, a obra compreende uma expressão do negacionismo ainda pouco comentada nas academias do país: o da escravidão. Tal qual é espreitado no capítulo de Janaína Lopes e Antônio Sampaio, à medida que se propõe o distanciamento deste evento, enturvam-se as raízes da formação brasileira pautada no escravismo, e como em um passado que não passa, irradia nos dias atuais ante a forma de encargos laborais ultrajantes. Na expectativa de ilustrar este cenário, são reportados certos casos de trabalho análogos à escravidão no Brasil nos últimos anos, o que oportuniza a estes estudiosos averiguarem que esta modalidade do negacionismo encerra em si a formalização de uma violência ancestral, arrematada pela supressão e exploração da condição humana invocada por esquemas raciais.

Os dois últimos capítulos, debruçam-se sob o plano cultural e científico, para investigar a apropriação da narrativa sobre a memória do Holocausto pelo rock neofacista e o paralelo

PARA PENSAR O NEGACIONISMO NA ATUALIDADE: ALGUMAS MODALIDADES E EXPRESSÕES DESTE FENÔMENO

BARBOSA, C. M. G.

entre o negacionismo da ciência e do Holocausto, respectivamente. Nestes artigos, os autores coincidem ao certificar que o negacionismo, seja no âmbito musical ou científico, assume um discurso fabricado, previamente delineado para confundir e influenciar comportamentos e, sobretudo, impedir a aceitação real dos fatos.

Ao que tange o artigo de Natália Pasternak, infere-se que o negacionismo não se firma socialmente de maneira instantânea, mas por intermédio de uma ação continuada, com início na distorção parcial dos fenômenos. Pela leitura de obras de cunho revisionista e/ou negacionista em torno do Shoá, assim como a análise das declarações proferidas durante a pandemia da COVID-19, ela percebe, em ambos os casos, que estas alegações apresentam-se por um “detalhe fora de contexto”, acompanhados de um alvo móvel e o incentivo ao falso debate, consumando, enfim, o apoderamento da dúvida.

Haja vista, a publicação preocupa-se em discernir as expressões negacionistas pós-modernas, replicando-as por auxílio de mecanismos plausíveis prescritos pelo conhecimento científico. Com efeito, pode-se assegurar que este propósito é cumprido, uma vez que os autores lançam uma vasta cobertura desta dinâmica, para notificar que as narrativas, bem como as bibliografias revisionistas e negacionistas, não são um *corpus* uniforme, e o seu ponto de encontro seria exatamente a promoção de uma memória independente do passado.

Ademais, apesar de sua amplitude temática, a obra não possui um texto massivo, mas antes proporciona uma leitura fluida e proficuamente articulada do fenômeno da negação. Em várias partes deste trabalho, é possível atinar para admissão de um aporte teórico convergente, valendo-se da investigação de profissionais empenhados em compor um estudo formal do caso, além de resistir ao uso de preciosismos para a progressão do debate. Aliás, mesmo em momentos de aplicação de uma linguagem poética, é permitido assimilar a mensagem anunciada, o que reforça o seu formato coeso.

Em síntese, trata-se de um escrito potente, que põe à luz a vigência de novos objetos de pesquisa, com base nos quais os autores conseguem traçar paralelos com o contexto brasileiro. Posto isto, atesta-se o seu caráter inovador, uma vez que a maioria das produções circulantes no país costumam lançar o seu enfoque para a órbita internacional, engendrando narrativas distanciadas. Por tudo isso, o livro se destaca por seu *status* atual, nele são fornecidos os artifícios para o desmonte de condutas manipuladoras, possibilitando a contra-argumentação frente a um pretérito fabricado que se pretende ditar à comunidade.

## Notas

---

<sup>I</sup> Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade de Pernambuco/Campus Mata Norte. E-mail: cinthia.mgbarbosa@upe.br.

<sup>II</sup> SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel; FERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar (Org.). Negacionismo: a construção social do fascismo no tempo presente. Recife: EDUPE, 2022. p. 13.

<sup>III</sup> Ibidem, p. 27.

## Obra resenhada

SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel; FERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar (Org.). **Negacionismo**: a construção social do fascismo no tempo presente. Recife: EDUPE, 2022